



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR - **JOAQUIM CARDOSO**  
Redacção e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa - PORTUGAL  
End. telegr. Talhoba - Lisboa • Telefone 17  
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# A BATAHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## Sobre aumento de produção

«E' preciso intensificar a produção. Tal é a fórmula que os povos, menos re-  
luctosos que os parlamentares e mais sim-  
plistas que os governos, encontraram para  
solucionar a crise tremenda que atra-  
vessamos.

Os governos e os capitalistas, quize-  
m aproveitar-se dessa frase para seu  
benefício exclusivo. E assim, para justifi-  
car suas violências contra as reivindica-  
ções das oito horas e de aumento de  
salário foram aplicando a fórmula a seu  
contorno, tornando cada vez piores as  
condições de vida.

Mas a intensificação da produção não  
pode de maneira alguma ser um facto,  
enquanto os produtores tiverem fome e  
trabalho excessivo.

O desenvolvimento da produção só  
poderá vir após as necessárias remodela-  
ções na maquinaria, nas oficinas e  
depois de se aproveitarem as riquezas  
naturais, que o capitalismo tem des-  
prezado.

São inúmeras essas riquezas. Nós po-  
díamos abastecer os mercados estran-  
geiros de variedades e saborosas frutas;  
podíamos ter trigo que chegasse para  
o nosso consumo. Não queremos falar  
também no aproveitamento da hulha  
branca, que faria uma verdadeira revolu-  
ção nas nossas indústrias.

O facto é que se não se produz não  
é porque o operário, em regra, não tra-  
balha, mas sim porque há grande nú-  
mero de pessoas que não produzem ou  
que se entregam a trabalhos mais pre-  
judiciais do que úteis à colectividade.

Tem-se apresentado, nestes últimos  
anos, muitas ocasiões que, aproveitadas  
com inteligência, poderiam melhorar  
consideravelmente a situação económi-  
ca do país. Mas a política, o interesse  
mesquinho do capitalista A ou do mi-  
nistro B o põem sempre a que medi-  
das energéticas evitem os sucessivos tram-  
búldos de tudo isto, frambúldos que  
devem, num futuro próximo, levar-nos  
à fome, à ruína absoluta.

Há muito que descremos da eficácia de  
certas medidas tomadas nesta socie-  
dade, tendentes a suavizar a existência dos  
que trabalham. Esta descrença já nos  
tem custado a fama de possuímos má-  
 vontade para com as medidas que se  
pretendem adoptar no sentido de me-  
lhorar as condições económicas do país.  
Não é assim, porém. Nós apenas nega-  
mos o nosso apoio a tudo que não tra-  
ga efeitos realmente práticos.

Em compensação, quando daqui lan-  
çamos alvites que, realizados, poder-  
iam realmente trazer-nos mais bem-  
estar, a nossa voz não é ouvida, por-  
que não favorece o interesse particular  
desta ou daquela firma, deste ou da-  
quele político, mas sim do grande nú-  
mero, da maioria que sofre e paga.

E é isto o que se está agora passando  
do respeito ao carvão nacional.

Há uma falta quasi total de hulha  
para a laboração das indústrias. Em  
consequência dessa falta, não temos luz,  
concretando-se Lisboa às escuras, pior  
do que em muitas vilas e aldeias.

Daqui lançamos o nosso brado, da-  
qui temos mostrado a conveniência do  
estado iniciar imediatamente a explora-  
ção da mina de Santa Suzana, perto de  
Alcacer do Sal, mas tem sido brado no  
vazio.

Ninguém poderá negar que esse car-  
vão nacional viria facilitar imenso o de-  
senvolvimento de certas indústrias que  
não possuem hulha e por isso funcio-  
nam irregularmente. A Companhia  
Lis de Ferro, por exemplo, está-nos

## NOTAS & COMENTARIOS

**As últimas séries** Estão-se exhibin-  
do as últimas séries  
do grande film de aventuras extraordiná-  
rias, cujo desempenho é feito pelos mais  
conhecidos actores deste género. O film  
cujo enredo tanto intrigou o público só  
agora se vai desvendando. Como se sabe,  
o drama girava em volta de terríveis  
complots, que deviam pôr em prática  
mirabolantes assassínios. Não esque-  
ram os leitores que a primeira scena  
foi representada no Largo Camões, on-  
de devia praticar-se o crime. Agora tu-  
do se vai desvendando pouco a pouco  
e a tragédia vai-se tornando em comé-  
dia. Os sanguinários inimigos da socie-  
dade eram, ao que parece, simplesmente  
operários que nos bancos daquela  
praça gozavam a tarde amena; na ju-  
ventude Monárquica não esteve polícia,  
pormenor que representava apenas um  
true cinematográfico, e, por fim, a poli-  
cia está indignada com os jornais que  
fizeram enredo que não era das séries  
representadas.

Não diremos o que se passará ainda,  
para não roubar o interesse aos leito-  
res. Apenas podemos assegurar isto ao  
público: é que a coisa não passa dum  
film.

**Os cães** O sr. J. M., na Pátria,  
ocupava-se ontem dos cães.  
Comovemo-nos. Que tragédia a vida dos  
pobres cães que fazem profissão de  
viagem por essas ruas íorais. Uma lá-  
grima se nos desprende dos olhos: a  
revolta fez-nos odiar profundamente  
uma sociedade que trata os cães a ca-  
cete. Não vimos ainda nenhum cão ca-  
do de fome pelas valetas, mas eles so-  
frem, ó senhores! Não sabemos também  
se algum desses nobres animais, se sui-  
cida já por não possuir alguns escu-  
dos com que pagar a renda, mas temos  
dó, muito dó dos cães que olham  
estupidamente os livros, como os mi-  
nistros analfabetos, e esperam de olho  
avido a esmola dum bolo à porta das  
pastelarias. J. M. não devia limitar-se  
a escrever essas breves palavras sobre  
a vida dos pobres animais enfeitados,  
que não conhecem pai nem mãe. Um  
volume, dois, três que contassem toda  
a sua dor, faziam um sucesso — entre os  
homens, é claro. Porque não experi-  
mentar o sr. J. M. Que diabol Rostand  
faz uma fortuna com um galo. Ora o  
galo junto do cão é animal inferior...  
Pobres bichos coitados! Bem mere-  
cem melhor sorte. O que eles não so-  
freram para comprar um par de botas!  
Como eles devem padecer com a alta  
de preços! Quanto pagariam os cães-  
patrozes aos cães-servos? Uma miséria  
talvez! O sr. J. M. merecia aplausos da  
nação inteira. Devia-se levantar uma  
campanha a favor dos desgraçados, uma  
grande campanha nacional.

Quanto aos homens... Venha pri-  
meiro a emancipação dos cães, depois  
falaremos dessa raça inferior e despre-  
zível a que os cientistas chamam a es-  
pécie humana.

**Sim ou não?** Respeitamos muito  
a dor da mulher, prin-  
cipalmente quando elle é vítima dessa  
calamidade social que dá pelo nome de  
casamento.

O casamento tira toda a liberdade  
aos cônjuges. E' por isso que os anar-  
quistas opõem a essa burla a união li-  
vre, que garante também a livre sepa-  
ração. Por causa do casamento está  
condenada a mulher, a quem  
acusam de doida, nos seus movimentos  
que devem ser livres como os de toda  
a gente. Doida, não! exclama ela, indi-  
gnada. Efectivamente os seus escritos  
não revelam um cérebro desequilibrado.  
Essa mulher merece defesa (não se  
alegre, porém, A Capital).

Merece defesa, mas de quem tenha  
autoridade moral para a fazer...

## O fruto da ganância sordida

### A FOME E A MISÉRIA DO POVO

promovidas pelas "forças vivas"

Não somos nós que o dizemos,  
mas uma publicação oficial

Se não fosse um assunto que pela sua  
magna importância está na ordem do  
dia, não sabemos já há quanto tempo,  
sendo no entanto agora que ele mais se  
reflete no insuportável viver das popu-  
lações, o das origens da alta de preços  
dos artigos de primeira necessidade não  
nos ocupariamos dele com tanta cons-  
tância.

Alguns dos que se dizem profundos  
em matéria económica, tem vindo à  
tela da discussão com as mais desencon-  
tradas opiniões, e raros são os que en-  
veredam por um caminho certo, antes  
procuram subrepticamente fugir à ver-  
dade, não sabemos com que reservados  
intuitos, para demonstrar que as cau-  
sas da carestia da vida residem nas con-  
stantes greves, nas reclamações opera-  
rias para a diminuição das horas de tra-  
balho e aumento de salários e não sa-  
bemos quantas mais culpas que dizem  
caber a quem que verdadeiramente são  
os produtores de toda a riqueza social.

Não saem destas afirmações alguns  
dos pseudo-economistas, apesar de co-  
nhecerem tam bem como nós as verda-  
deiras causas do encarecimento da vida,  
mas por conveniência escondem os pri-  
maciaes factores.

As chamadas forças vivas são quem  
nos dão os melhores argumentos para  
que enérgicamente combatamos os seus  
roubos descarados e os acusemos como  
os únicos responsáveis dos crimes que tem  
praticado, condenando-nos a uma vida  
misérrima, à fome lenta, à morte prema-  
tura.

A organização operária portuguesa,  
por intermédio do seu organismo cen-  
tral, a Confederação Geral do Tra-  
balho, está preparando um movimento  
contra a ganância e especulação dos po-  
tentados do comércio. A comissão con-  
tra a carestia da vida, nomeada numa  
das reuniões do Conselho Confederal,  
apresentou sobre o assunto o seu pa-  
recer, bem documentado e elucidativo,  
que A Batalha publicou demonstrando  
insofismavelmente as causas das subidas  
constantes dos preços dos géneros.

Esse documento foi discutido e apro-  
vado noutra reunião do Conselho Cen-  
tral e os trabalhos decorrem no sen-  
tido de no mais curto prazo de tempo  
a organização operária dar conta da sua  
missão.

Não se tem incomodado os governos  
com problema tam transcendental, por-  
que a política lhes merece mais impor-  
tância e os interesses pessoais sobre-  
vêm todos os outros que dizem respeito  
à vida do país inteiro. Por isso a organi-  
zação operária pretende acordar os go-  
vernos e lembrar-lhes o dever que tem  
a cumprir, entrando num caminho de  
moralidade, não deixando medrar à cus-  
ta da miséria pública a caterva de es-  
peculadores que não se cansam em explo-  
rar os seus ignominiosos.

E para justificar tudo quanto temos  
dito sobre a carestia da vida, apontan-  
do com clareza as origens do mal, ve-  
mos no último número do Boletim da  
Providência Social um artigo da autoria  
do sr. A. Saraiva, do qual a seguir  
trasladaremos para aqui alguns períodos,  
por os julgarmos duma actualidade  
de flagrante.

**A principal causa da carestia da vida é a especulação**

«Entre todas as causas da carestia da  
vida entre nós, a principal é a especu-  
lação. Sem ella os preços deviam estar  
reduzidos a cerca de metade do que es-  
tão.

A guerra considerou-se durante muito  
tempo como a causa única ou prin-  
cipal da carestia dos produtos. Os fac-  
tores, porém, demonstram hoje que não  
foi a guerra o factor principal da crise  
das subsistências entre nós.

A guerra foi sobretudo um excelente  
pretexto de que se serviram os especu-  
ladores de todas as ordens para explo-  
rar por todas as formas o consumi-  
dor.

A guerra terminou há ano e meio (o  
número de onde transcrevemos é de  
Maio de Dezembro de 1919) e a alta de  
preços, longe de estacionar, tem aumen-  
tado progressivamente. E' o que a guerra  
era principalmente o pretexto, mas a  
causa fundamental da carestia estava na  
ganância sordida, na auri sacra fames  
dos Schlokos modernos.

Ao terminar a guerra inesperada-  
mente, em Novembro de 1918, o pânico  
espalhou-se entre os especuladores.  
Eles viram a perspectiva de uma desca-  
da brusca dos preços e a cessação ines-  
perada dos seus lucros.

Para evitar isso, os grandes potencia-  
dos do comércio e da especulação fi-  
nançeira, concertaram-se em todo o  
mundo.

**Um conluio do comércio e da indústria contra o consumidor**

Quanto às forças vivas portuguesas,  
aquelas mesmas forças vivas, sempre  
prontas a dar o seu apoio aos governos  
«para com elles colaborarem no melho-  
ramento da situação económica», mos-  
trando desejos, que nós reconhecemos  
uma grande vigiar pelos processos  
baixos que revelam, aquelas mesmas  
forças vivas que, quando o povo, farto  
da sua exploração e do seu roubo des-  
carado, justamente se revolta, reclamam  
o seu fuzilamento, deportação, etc., te-  
mos, do mesmo artigo, o que vai  
lêr-se, por onde se prova o desinter-  
esse, a honradez, o patriotismo que tanto  
apregoaem:

## UM CASO GRAVE

### Param vários combóios por falta de combustível

Succede isso na linha do Sul e Sueste  
E todavia há carvão no país—inexplorado

Isto vai de mal a pior.  
Há muito tempo que o carvão faltou  
para alimentar as locomotivas dos com-  
bóios da linha do Sul e Sueste, tendo  
de ser substituído por lenha. Agora a  
lenha está faltando também duma ma-  
neira assustadora.

Assim, em Tunes, Sabóia e Funcheira  
encontram-se cerca de cinco mil tonela-  
das de carga, carga que não pode se-  
guir em virtude da carença de combóios.

Em Faro, segundo telegrama ontem  
recebido no Barreiro, estão todos os  
combóios paralisados, exceptos dois, os  
n.ºs 6 e 9, que fazem o serviço de cor-  
reio entre Lisboa e a provincia, de con-  
trário seriam suprimidos também. Agora  
o combóio n.º 6 tomou lenha de eucalipto,  
verde ainda, porquanto havia sido  
cortada na véspera, em Faro.

Estiveram para ser igualmente supri-  
midos os combóios 92 e 93, entre Faro e  
Vila Real de Santo António, o que se  
evitou em virtude do combóio n.º 9, o  
qual faz serviço de correio, ter transpor-  
tado dois vagons com lenha.

O combóio n.º 204 teve que deixar  
toda a carga em Tunes, vindo só o four-  
gon e bagageiros, em grande velocidade  
para Lisboa!

Lemos aqui brado acôrda do carvão  
da mina de Santa Suzana, mina que  
apareceu quasi como uma coisa salva-  
dora da situação alíflita em que o país  
se debate. Não se tem, porém, ligado  
importância ao assunto.

Deixa-se chegar o serviço de trans-  
portes a este ponto. Isto deixa de ser  
desinteresse para ser crime hediondo.

**Senhores e inquilinos**

Não podemos largar de mão tam mo-  
mentosos assunto e de cada vez nos con-  
vencemos mais que é necessário o  
maior cuidado em não consentir que vá  
por diante a ganância dos senhores.

Referimo-nos ontem à remodelação da  
lei do inquilinato, pondo de sobre-  
aviso os interessados para que os pro-  
prietários não tentem prejudicar algu-  
mas boas intenções que possam pres-  
idir a essa remodelação, publicando até  
as reclamações formuladas pela União  
dos Inquilinos de Portugal, com sede no  
Pôrto.

Este caso afecta não só os inquilinos  
como o próprio Estado, e, portanto,  
veremos como são zelados os interesses  
daqueles e destes.

Sobre este assunto recebemos uma  
carta muito elucidativa, para a qual  
chamamos a atenção de todos e com  
especialidade do ministro da justiça:

**Camarada redactor:**—Tem os jornais al-  
timamente falado da revisão da lei do in-  
quilinato a cujo assumto o actual ministro  
da justiça parece estar dedicando a sua  
atenção.

De facto a lei precisa ser remodelada para  
benefício do Estado e para segurança dos des-  
protegidos inquilinos. Deve o ministro atender  
aos interesses do maior numero e aos  
interesses da fazenda, a qual os honrados e  
patrióticos senhores vão desfalcar com  
as suas declarações de efeito de colecta.  
Adiante trair este assumto especial, mas  
vamos analisar uns pontos fracos da lei con-  
tra os inquilinos.

Acontece que o senhorio deseja despedir  
o inquilino para fins que conhecemos, e  
como o não pode fazer a face da lei, recor-  
re ao baixo expediente, fazer-se amigo do  
inquilinato e tolerar-lhe que pague a ren-  
da sem o mês de caução, como determina a  
lei, mas passados tempos, tem a porta do  
inquilino um official de diligências com um  
cinto na qual é comendado a por escritos  
ou a impugnar a acção de despejo. E' nessa  
ocasião que se veem os insinuos de certos  
proprietários. E' claro que tudo aquilo é  
falso, porque o inquilino, mesmo que vá de-  
clarar a renda, já não faz o prazo que  
marca a lei, porque não tinha o mês de cau-  
ção, e por este facto é posto na rua. Mu-  
lheres de família que não tem o mês de  
caução, julgam poder livrar-se das pen-  
sões do senhorio em fazer o depósito,  
consequente apenas gastar dinheiro, perder  
tempo e por fim... vêr-se na rua com os  
tarecos.

Outro expediente, não menos engenhoso e  
maqueroso, é o de uma vizinhança ser pri-  
veada de despejar o inquilino, quando muitas  
vezes a tal «vizinhança» é inventada para  
caçar a casa ao incauto.

Julgamos que o motivo para tal, porque a  
família, cujos laços são muitas vezes eco-  
nomicamente insolúveis, não tem culpa do  
temperamento de um dos seus membros;  
portanto, quando haja de facto má vizinhan-  
ça, deve proceder-se de outra forma: há uma  
montanha de leis, as quais bem rebuscadas,  
vão correctivo aos alteradores da boa vizinhança.

Para resumir: Devem introduzir-se na lei  
as cláusulas seguintes:

1.º Quando o inquilino não tenha pago  
a renda prevista pela lei a renda respecti-  
va o senhorio deve convidar aquelle para  
no prazo de 8 dias o fazer, e, no caso do  
proprietário não o querer receber, o arren-  
datário depositar a aluidia renda na Cai-  
xa Geral dos Depósitos, nos termos da lei.  
E' claro que quando de qualquer forma não  
pague ao senhorio, cabe a este o direito de  
o tirar para por escrito.

2.º Pelo morte do arrendatário, respeitar  
os interesses da família.

3.º No caso de má vizinhança, os reclama-  
mentos poderão recorrer para os tribunais  
procedendo estes conforme as leis em vi-  
gor, não podendo, por este facto, o senhorio  
despejar o inquilino, embora, este seja  
condenado.

Agora, com referência aos interesses do  
Estado, poderemos citar alguns senhores  
que actualmente desviam dos seus cofres im-  
portantes somas, desde que se sejam focu-  
cadas as rendas de fazendas os elementos ne-  
cessários. Portanto, considere o senhor mi-  
nistro das finanças esta minha ultima infor-  
mação como uma denuncia, e em breve dias  
darei uma lista na qual incluirei uma im-  
portante Companhia.

De v., etc.—António Rosa.

**Como devem fazer-se os depósitos na Caixa Geral**

O sr. Pedro Ferreira Godinho, chefe  
dos serviços de informações na Caixa  
Geral dos Depósitos, teve a amabilidade  
de fornecer-nos um modelo das  
guias que devem acompanhar a impor-

## VARSOVIA EM PERIGO

**Ómeça a evacuação da capital da Polónia**

VARSOVIA, 23.—Todas as missões  
de organização de socorros preparam  
ativamente a evacuação da Varsóvia,  
de se iniciar a saída das mulheres e há  
já mais inscricoes para emprender em  
partida no mesmo dia.

Os que por si mesmo podem levar  
as suas acoessórios estão já a cami-  
nhar.

A organização de socorros america-  
na evacua Bialystok e a Cruz Vermelha  
muda hoje o quartel general,  
que tinha estabelecido em Varsóvia,  
para instalar-se em Caróvia, para on-  
de seguir, caso seja necessário, toda a  
organização.

**As vitórias bolchevistas continuam**

VARSOVIA, 23.—O ultimo comu-  
cado polaco diz que os combates  
continuam a este de Grodno.

Foi evacuado Baranovith.

Os vermelhos atravessaram o Styf e  
conseguiram forçar os passos de Zboun.

Na região do Dubno, a cavalaria ver-  
melha obteve outra vitória.

## Bela Khun

Socialistas e comunistas alemães  
protestam contra o seu inter-  
namento

BERLIM, 27.—Houve um grande co-  
mício de socialistas independentes e co-  
munistas para protestar contra o inter-  
namento do ex-leader dos soviets hún-  
garos, Bela Kh u. O comício decorreu  
tranquillo. Entretanto o incidente com-  
plicou-se pelo pedido de extradição de  
Bela Khun que foi feito em Berlim por  
um enviado especial.—Radio.

**Segunda Internacional**

O seu congresso realiza-se em Gé-  
nova, em 31 de Julho

BERLIM, 27.—Para o Congresso da  
Segunda Internacional que se realizará  
em Génova, em 31 de Julho, o partido  
da democracia social enviará a essa ci-  
dade vários delegados, entre outros  
Kensfeld, Bernstein, Stantfer, Wols-  
kue, Duck, Molf, Breun e a senhora  
Jucharon. Também haverá uma grande  
delegação alemã no congresso mineiro.  
—Radio.

## Feitos da "briosa"

Transcrevemos do Diário de Notícias  
sem comentários, a seguinte correspon-  
dência:

**A guarda republicana dispara sobre a multidão**

AVEIRA, 20.—Esta madrugada, num ar-  
raial realizado na freguesia de Chã de Cou-  
ca, a guarda republicana feriu seis pessoas  
pelo motivo de ter feito duas descargas  
sobre a multidão.

Há ferimentos graves, não tendo havido  
mortes.

Ainda na presente semana deve ser pu-  
blicado o decreto abrindo um crédito de 371  
contos para pagamento de vencimentos e  
de subsídios aos professores de instrução  
primária.

## O movimento da C. G. T. contra a rapetista da vida

**A sessão de ontem na Associação do Pessoal do Arsenal de Marinha**

Realizou-se ontem a segunda sessão  
de protesto contra a carestia da vida,  
preparatória do movimento nacional a  
levar à saída pela C. G. T., que se efec-  
tuou na sede da Associação do Pessoal  
do Arsenal de Marinha e Cordoaria Nacional.

Presidiu Carlos Freire, secretário do  
António Araújo e Manuel Marques.

Falou em primeiro lugar Raúl Baptis-  
ta que se referiu ao movimento de No-  
vembro de 1918, ao qual a classe traba-  
lhadora não sobre corresponder. Diz  
que se a engrenagem social está nas con-  
dições em que se encontra, é devido,  
em parte, ao marasmo do operariado,  
pois este ainda não compreendeu que é  
na associação que se trata da vida sin-  
dical. Acrescenta que o movimento não  
só daqueles que fazem propaganda nos  
sindicatos, mas de todos os que traba-  
lham e que se a classe operária quiser  
vencer tem que usar da acção revoluci-  
onária, porque os seus inimigos serve-  
m de todas as armas para a esmagar.

Augusto Ferreira Lopes diz que a ca-  
restia da vida tem chegado ao máximo  
nos últimos cinco anos. Fala largamen-  
te sobre o assunto, concluindo por di-  
zer que no país faltam os géneros de  
primeira necessidade, mas se se for por  
esses caes e até à Africa, vê-se há tudo  
a abarrotar de quanto é útil à alimen-  
tação.

Fernando Silva entende que devemos  
queixar-nos o povo e não aos mi-  
nistros, porque estes nunca atendem às  
nossas reclamações, afirmando que os  
comerciantes e os burgueses estão no  
seu papel de exploradores.

António Ferreira alude ao movimento  
de Novembro de 1918, dizendo ser ne-

